

O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Erika da Silva Faria¹

Raquel Silva de Oliveira²

Karina Alves Reuther³

Lilian do Socorro Nunes Cruz⁴

Amanda Mariana Braga Xavier⁵

Orientador Isabel Cristina França dos Santos⁶

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a escrita autobiográfica pode fortalecer a identidade dos educandos e tornar o processo de alfabetização na perspectiva do letramento mais propositivo, ao conectar a aprendizagem com suas vivências e memórias. A pesquisa foi realizada no projeto "Apoio de Aprendizagem" do Movimento República de Emaús, com crianças dos anos iniciais com baixos índices de aquisição do sistema de escrita alfabética. A partir disso, buscou-se desenvolver produções textuais que valorizassem as experiências dos alunos, promovendo o registro de suas trajetórias pessoais como o gênero discursivo autobiografia. A autobiografia foi utilizada como ferramenta pedagógica para estimular a leitura e a escrita de forma significativa, partindo do repertório pessoal dos alunos. A metodologia adotada baseia-se na pesquisa-ação. O trabalho foi fundamentado em autores como Ferreiro e Teberosky (1984), Kleiman (1995), Molina e Maldonado (2020) principalmente. Os resultados apontam que a abordagem autobiográfica contribuiu para o desenvolvimento da escrita e da leitura, fortalecendo a autoestima e a identidade dos alunos. Isso se justifica pelo fato de que eles relataram suas histórias articulando com elementos da língua de maneira a aprender mais e melhor em função das necessidades comunicativas. Além disso, percebemos avanços na estruturação textual, na autonomia na escrita e na ampliação do repertório de leitura. Dessa forma, a autobiografia se mostrou uma estratégia potente para a alfabetização e o letramento, pois integra a experiência de vida dos alunos ao processo educativo mediante práticas sociais.

Palavras-chave: Alfabetização, Autobiografia, Decolonialidade, Letramento.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará- UFPA, erika.faria@iemci.ufpa.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará- UFPA, raquel.oliveira@iemci.ufpa.br.

³ Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará- UFPA, karynareuther@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará- UFPA, lilian.cruz@iemci.ufpa.br.

⁵ Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará- UFPA, amanda.xavier@iemci.ufpa.br.

⁶ Professora orientadora: Dr^a em Educação e docente Associada III do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará. (UFPA). irodrigues@ufpa.br.



INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são processos intrincados que ultrapassam a mera decodificação do texto escrito, englobando a criação de significados e a assimilação da linguagem em situações sociais relevantes (Ferreiro & Teberosky, 1984). Conforme indicado por Kleiman (1995), o conceito de letramento deve ser visto como a aplicação social da leitura e da escrita, integrando conhecimento técnico com as experiências e as necessidades de comunicação do indivíduo. Nesse contexto, é crucial que as práticas de ensino valorizem os saberes e vivências dos alunos, especialmente em situações de vulnerabilidade social, onde as crianças muitas vezes demonstram dificuldades na apreensão do sistema de escrita alfabética.

O gênero autobiográfico se apresenta como uma ferramenta valiosa neste contexto, permitindo que os estudantes compartilhem suas memórias e histórias pessoais, unindo a aprendizagem da leitura e escrita às suas experiências diárias (Maldonado, 2020).

A produção de textos autobiográficos não só incentivam o desenvolvimento de habilidades de escrita, mas também reforça a identidade, a autoconfiança e o sentimento de pertencimento dos alunos ao ambiente escolar, conforme destacado por Costa e Andrade (2018), que ressaltam a relevância das narrativas pessoais na formação da subjetividade e da competência linguística.

Adotando um enfoque decolonial, esta pesquisa enfatiza a importância de afastar-se de métodos educacionais que seguem modelos dominantes, validando as histórias individuais e coletivas dos alunos como fontes genuínas de conhecimento (Grosfoguel, 2011).

Essa perspectiva decolonial sugere que a alfabetização deve ser considerada um processo ativo de construção de significados, onde as vivências das crianças são integradas ao aprofundamento de suas habilidades de leitura e escrita, contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos críticos e autônomos (Quijano, 2007).

Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é analisar de que maneira a escrita autobiográfica pode fortalecer a identidade dos educandos e tornar o processo de alfabetização na perspectiva do letramento mais propositivo, ao conectar a aprendizagem com suas vivências e memórias.

A alfabetização é vista como o caminho pelo qual uma criança gradualmente adquire o entendimento do sistema de escrita, reconhecendo como a fala se relaciona com a escrita e criando métodos para ler e produzir textos (Ferreira, 2006).

Ao contrário da alfabetização técnica, o letramento diz respeito à aplicação social da linguagem escrita, envolvendo a participação em práticas culturais e dialógicas que atribuem sentido à leitura e à escrita (Soares, 2001).

Conforme Libâneo (2013), a alfabetização deve conectar técnica e significado, permitindo à criança não apenas decifrar o código escrito, mas também compreender sua função comunicativa. Nesse contexto, relacionar o aprendizado à realidade e às vivências diárias dos alunos torna esse processo mais relevante, aumentando sua autonomia e motivação.

O gênero autobiográfico é reconhecido pela narrativa em primeira pessoa, onde o autor compartilha experiências e recordações de sua vida (Bakhtin, 1997). No âmbito educacional, a autobiografia ajuda na construção de sentido sobre o percurso individual, promovendo reflexão, autoconhecimento e aprimoramento das habilidades de escrita (Rapport, 2015).

Ademais, a prática da escrita autobiográfica é fundamental para o desenvolvimento da identidade do estudante, elevando a autoestima e a percepção de seu papel ativo no processo de aprendizagem (Oliveira, 2012). Ao contar suas histórias, os alunos conseguem conectar vivências pessoais às normas da língua escrita, combinando seu repertório cultural e afetivo com o desenvolvimento da linguagem.

Para Mignolo (2011) a educação decolonial surge como uma desconstrução da predominância de saberes eurocêntricos, valorizando as experiências locais, culturais e comunitárias. No qual as narrativas pessoais e coletivas dos alunos são reconhecidas como fontes válidas de conhecimento e pertencimento, permitindo que as práticas educacionais respeitem a diversidade e promovam a inclusão social.

Freire (1996) destaca também a relevância de uma educação que derive da realidade do aluno, propondo que o aprendizado seja construído através de diálogos com suas experiências e contextos culturais. Assim, a autobiografia transforma-se em uma ferramenta decolonial, já que une as experiências de vida ao processo de alfabetização, tornando-o mais crítico, significativo e engajador.

A utilização da autobiografia na aprendizagem da leitura e escrita também pode ser um fator importante para o fortalecimento do pensamento crítico entre os estudantes, pois os motiva a pensar sobre suas próprias vivências, crenças e interações sociais (Bruner, 2001).

Além disso, ajuda a enriquecer o vocabulário e a fluência na escrita. Ao documentar suas experiências, os estudantes são impulsionados a utilizar diferentes elementos linguísticos, como descrições, diálogos e tempo, melhorando a coerência e a coesão de seus textos (Perrotta, 2014). Essa prática permite que as crianças vejam a escrita como um meio de expressão e comunicação, em vez de apenas uma exigência escolar.

Portanto ao incorporar uma perspectiva decolonial à alfabetização através da autobiografia, fortalece as metodologias educativas inclusivas, que reconhecem e celebram a diversidade cultural e social dos alunos, acaba valorizando as histórias

individuais como válidas aumentando o sentimento de pertencimento e promovendo a equidade, permitindo que todos tenham uma voz e um papel ativo na jornada de aprendizagem (Walsh, 2018). Dessa maneira, a autobiografia se transforma em uma ferramenta pedagógica que conecta habilidades linguísticas, reflexão crítica e apreço pela experiência de vida, contribuindo para uma educação mais humana e significativa.

METODOLOGIA

A metodologia de ensino deste trabalho fundamenta-se na pesquisa ação, compreendendo que o processo de alfabetização e letramento deve ocorrer de forma participativa, reflexiva e transformadora, envolvendo o aluno em práticas relevantes de leitura e escrita. Esta abordagem pedagógica possibilitou que fosse construída a partir da realidade dos educandos, permitindo observar, intervir e avaliar as práticas desenvolvidas de cada um durante a realização da atividade. Incluindo o processo de interação dos alunos mais tímidos, permitindo a inclusão e desinibição da fala.

As atividades foram realizadas no projeto “ Apoio Escolar” no espaço da República de Emaús, com crianças dos ensinos fundamental de 1º ao 5º ano que apresentam dificuldades de aprendizado em leitura e escrita. A partir de um diagnóstico inicial, foi elaborada a proposta didática que articula com o processo de alfabetização junto com o desenvolvimento de identidade dos alunos, utilizando a escrita autobiográfica como norteador das práticas pedagógicas.

As atividades contemplaram momentos de escuta e oralidade, a qual os estudantes puderam compartilhar lembranças e experiências com suas famílias que marcaram suas vidas. Em seguida, foi dada sequência da escrita orientada pelas bolsistas e não bolsistas do projeto, respeitando o processo de desenvolvimento de cada criança e as dificuldades de regência em uma sala multisseriada.

Figura 1 - Elaboração das autobiografias.



Fonte: Autoras (2025)

Figura 2- Elaboração das autobiografias.



Fonte: Autoras (2025)

As atividades escritas foram revisadas coletivamente, promovendo reflexões das diferentes formas de gostos, sabores, cores, de cada aluno presente, incluindo as bolsistas e não bolsistas com breves relatos acontecidos de forma cômica ou cultural de suas vidas para ajudar a desinibir as crianças mais tímidas provocando a oralidade após a produção

textual, com seus relatos de cada situação similar vivida.

A escrita autobiográfica, portanto, foi tratada como ferramenta pedagógica capaz de integrar as experiências de vida dos alunos ao processo educativo, fortalecendo sua auto estima, autonomia e pertencimento ao meio social vivido. Assim, a metodologia de ensino aplicada buscou articular teoria e prática, promovendo uma alfabetização significativa introduzindo a realidade dos educandos.

RESULTADOS

As produções autobiográficas dos estudantes evidenciam que a escrita vai além da mera decodificação do texto, corroborando Ferreiro e Teberosky (1984), que destacam a alfabetização como construção de significados. Ao narrar suas experiências pessoais, os alunos não apenas aplicaram as regras do sistema de escrita alfabética, mas também construíram sentidos relacionados às suas vivências, fortalecendo a compreensão de que a leitura e a escrita têm função comunicativa e social.

Observou-se que a aplicação social da leitura e escrita se tornou evidente nas interações entre os alunos, na troca de memórias e na produção textual coletiva, o que é reafirmado por Kleiman (1995), ao compartilhar lembranças e histórias, as crianças integraram seus conhecimentos técnicos à vivência cotidiana, consolidando a ideia de que a alfabetização deve dialogar com o contexto social e cultural do educando.

Figura 3 - Atividade



Figura 4- Atividade.



Fonte: Autoras (2025)

As narrativas pessoais permitiram aos estudantes perceberem-se como sujeitos ativos de suas aprendizagens, elevando sua autoestima e fortalecendo o sentimento de

pertencimento, conforme ressaltado por Costa e Andrade (2018). As histórias produzidas pelos estudantes funcionaram como fontes legítimas de conhecimento, conectando aprendizagens linguísticas ao contexto sociocultural de cada um, em consonância com a educação proposta por Freire (1996).

A autobiografia mostrou-se um potencializador para o desenvolvimento da identidade e da reflexão sobre a própria trajetória, o que corrobora com conforme Bakhtin (1997) e Rapport (2015), visto que quando há diálogo, a escuta e a valorização da cultura do aluno é inserida no processo didático, ele é capaz de promover não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também o crescimento pessoal e social de cada criança.

Ao motivar os estudantes a refletirem sobre suas experiências, crenças e relações sociais, associada à produção textual, permitiu que os alunos ampliassem seu vocabulário e aprimorassem seus textos, apoiando o desenvolvimento da competência linguística mencionada por Perrotta (2014).

É válido destacar que a valorização das experiências individuais e coletivas dos alunos contribuíram para a desconstrução de modelos educativos eurocêntricos, como descrito por Quijano (2007) e Mignolo (2011). Portanto, ao reconhecer esses relatos, o ambiente escolar se torna um espaço que respeita a diversidade, promovendo a inclusão e incentivando a construção de saberes críticos, posicionando a alfabetização não apenas como domínio técnico da leitura e escrita, mas como um processo que conecta linguagem, cultura e subjetividade de maneira importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou resultados pertinentes e qualitativos através da escrita autobiográfica a qual revelou-se um procedimento eficiente no processo de alfabetização para às práticas pedagógicas dos educadores, tornando o ensino mais significativo e quantitativo e com isso, fortalecendo a mediação entre o educando e o aluno ao interligar esses ensinamentos através dos saberes e experiências construídos pelas vivências e memórias trazidas tanto pelas suas culturas como situações cotidianas.

Na atividade proposta, foi possível identificar importantes avanços na escrita e na leitura, assegurando uma aprendizagem mais fortalecida e libertadora em que as crianças foram as protagonistas de suas histórias e vivências, obtendo um acolhimento através de uma escuta sensível e participativa, contribuindo para uma relação saudável e verdadeira entre os educandos e os alunos.

Além disso, esses resultados mostram também a importância das práticas decolônias no ensino-aprendizagem para romper os protótipos conservadores e engessados de um ensino sistematizado e excludente para obter o reconhecimento e a pluralidade dentro de uma diversidade rica em saberes desses alunos, os conectando cada vez mais junto aos educadores para a construção de uma educação inclusiva e igualitária.

Com isso, pode-se concluir ao inserir a escrita autobiográfica nesse processo de alfabetização nos anos iniciais. Os educandos conseguiram desenvolver um ensino mais eficaz através de produções textuais mais viáveis e valorizadas junto aos alunos e uma escrita significativa tornando a autobiografia uma potente ferramenta educativa diante das práticas sociais, e assim, possibilitando que os alunos tornem-se pessoas mais críticas e reflexivas em diferentes cenários sociais para que suas identidades sejam fortalecidas perante a diversidade cultural e social, desconstruindo um ensino hegemônico e eurocêntrico construindo um ensino inclusivo e igualitário onde todos tenham o direito de mostrar suas verdadeiras identidades através de uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRUNER, Jerome. *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

COSTA, M. C.; ANDRADE, L. Narrativas pessoais e desenvolvimento da subjetividade na escola. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

FERREIRA, A. Alfabetização e letramento: fundamentos e práticas. São Paulo: Cortez, 2006.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSGOUEL, R. Descolonizando os estudos pós-coloniais e os paradigmas da economia política: transmodernidade, pensamento decolonial e colonialidade global. *Transmodernity*, v. 1, n. 1, 2011.

KLEIMAN, A. Letramento: um tema em três gêneros. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El giro decolonial*, v. 1, n. 1, p. 240-270, 2007. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5800/MALDONADO_Torres_ON_THE_COLONIALITY_OF_BEING_1550515847301_5800.pdf. Acesso em: 5 out. 2025.

MIGNOLO, W. O lado mais sombrio da modernidade ocidental: futuros globais, opções decoloniais. Durham: Duke University Press, 2011.

OLIVEIRA, R. A autobiografia como instrumento de construção da identidade escolar. Salvador: EDUFBA, 2012.

PERROTTA, C. Escrita autobiográfica e desenvolvimento da linguagem: possibilidades na escola. São Paulo: Cortez, 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Colonialidade e modernidade/racionalidade. Lima: CLACSO, 2007.

RAPPORT, F. Narrativa, educação e identidade: o papel da autobiografia na aprendizagem. Londres: Routledge, 2015.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo: Contexto, 2001.

WALSH, C. Decolonialidade e educação na América Latina: teorias, práticas e desafios. Nova Iorque: Routledge, 2018.